

NOTICIÁRIO

ANTOLOGIAS POÉTICAS

O escritor e sócio-correspondente do IHGES, Assis Brasil, lançou, pela Editora IMAGO, **A Poesia Espírito-Santense no Século XX**. Também o consócio e poeta Evandro Moreira lançou a 2ª edição da sua coletânea **Poetas Cachoeirenses**.

MAIS LANÇAMENTOS

Vários consócios lançaram livros em janeiro e fevereiro de 1999. Entre eles, Marien Calixte, com **Florentino Avidos, um homem à frente do seu tempo**; Carlos Nejar, com **Carta aos Loucos**, pela Record; Humberto Del Maestro, com **Fábulas**, pela Opção 2; Leonor Pereira, com **Seara**, editada por Francisco Aurélio Ribeiro; Estilague Ferreira dos Santos, com **A Monarquia no Brasil: o pensamento político da independência**; e Reinaldo Santos Neves, com **Muito Soneto por Nada**.

CONSELHO HOMENAGEIA INSTITUTO

O Conselho Estadual de Cultura, sob a presidência da consócia Beatriz Abaurre, na sua sessão solene de 14 de dezembro de 1998, homenageou o Instituto Histórico e Geográfico do Espírito Santo, por seu trabalho na divulgação de cultura capixaba, concedendo-lhe um diploma de **Menção Honrosa**. Ao Conselho, os agradecimentos do IHGES.

MUNICÍPIO EDITA COLEÇÕES

-A Secretaria Municipal de Cultura vem realizando um belo trabalho editorial, com o lançamento das suas coleções **José Costa, Elmo Elton e Roberto Almada**. Da **José Costa** já foi editado **Os dias antigos**, de Renato Pacheco; da **Elmo Elton**, **Bairro de Santo Antônio**, de Adriana Bravin; e da **Roberto Almada**, **De folhas versadas: Roberto Almada: vida e obra**, de Deny Gomes e **Inquilino da Rua da Imaginação: Fernando Tatagiba: vida e obra**, de Fábio Memeli.

A Secretaria Municipal de Cidadania vem editando a série **Cidade Cidadã**, já em seu 4º número.

Também a Secretaria Municipal de Esporte vem lançando os volumes, já no 5º, da série **Esporte Memória**.

De parabéns, pois, o Município de Vitória.

COLEÇÃO MEMO

Muito feliz a iniciativa da Editora do Memorial da América Latina, que está lançando a coleção **Memo**, com trabalhos sobre literatura e artes plásticas. As obras podem ser adquiridas à ordem de R\$ 2,00 o volume, pelo telefone: (011) 3823-9611.

ROMANCE DE NEJAR

O poeta Carlos Nejar lançou, no auditório do Tribunal de Justiça do Espírito Santo, o seu mais novo livro, o romance **Carta aos Loucos**, editado pela Record.

INSTITUTO PROMOVE II ENCONTRO DE HAIJINS

Em maio, o Instituto Histórico e Geográfico do Espírito Santo estará promovendo o seu II Encontro Capixaba de praticantes do haikai. O presidente de honra do evento serão poeta e haijin Humberto Del Maestro.

LUIZ TREVISAN NO "METROPOLITANO"

Brilhante a idéia da direção de **Metropolitano**, de contratar o jornalista Luiz Trevisan. O **Metropolitano** que já vinha se firmando, em termos de qualidade, como o melhor jornal da ilha, e que já contava com Milson Henriques, Marcos Alencar, Berredo de Menezes e Adílson Vilaça, passa, agora, a contar, também com Luiz Trevisan.

ARQUIVO PÚBLICO LANÇA VOLUME 4 DA "CANAA"

O Arquivo Público do Estado do Espírito Santo lançou o volume 4 da sua coleção **Canaã**, titulado **Donatários, colonos, índios e jesuítas - o início da colonização**, de autoria da historiadora Nara Saleto. O volume pode ser adquirido nas dependências do Arquivo, na Cidade Alta.

MUNICÍPIO COMEMORA OS 150 ANOS DE QUEIMADO

Em comemoração ao sesquicentenário da revolta de São José do Queimado, a Secretaria Municipal de Cultura lançou a 3ª edição da obra clássica de Afonso Cláudio, **Insurreição de Queimado**, com estudo e notas do historiador Luiz Guilherme Santos Neves.

LANÇAMENTOS PARA O 1º SEMESTRE

O Instituto Histórico e Geográfico do Espírito Santo tem programado para o 1º semestre de 1999, os seguintes lançamentos: O tempo e a força, de **Luiz Guilherme Santos Neves**; **Memórias, de Luiz Flores Alves**; **Estação Primavera, antologia de haicais, produzidos no I Encontro Capixaba do Haikai**; **Hialinos, de Geraldo Costa Matos**; e as Revistas nº 51 e 52 e 4 números do Boletim. Além, é claro, de outros títulos que poderão surgir.

IHGES CRIA EDITORA

Em assembléia-geral extraordinária, o Instituto Histórico e Geográfico do Espírito Santo aprovou a criação da sua editora. A Editora do IHGES será a responsável pela execução do programa editorial do Instituto, a partir do ano 2000. Na mesma assembléia foi também eleito o Conselho Editorial que ficou assim constituído: Renato Pacheco, Ivan Borgo, Érico Freitas Machado, Ester Abreu Vieira de Oliveira e João Bonino Moreira, eleito também gerente da editora.

CENTENÁRIOS PARA 1999

Em 1999, o Instituto Histórico e Geográfico do Espírito Santo, a Academia Espírito-Santense de Letras, a Casa de Espanha, o Departamento de Letras da UFES e a Associação dos Professores de Espanhol, comemorarão os centenários de Jorge Luis Borges, Miguel Ángel Asturias, Ernest Hemingway, Francis Ponge e Dante Milano.

CENTENÁRIO DE CASCUDO

Em comemoração aos 100 anos do nascimento do escritor e folclorista Luís da Câmara Cascudo, o historiador Renato Pacheco proferiu palestra sobre o evento, na sessão de 03 de março, por ocasião da abertura dos trabalhos alusivos ao ano de 1999.

OS 100 ANOS DE DONA DINÓRAH

No dia 14 de janeiro de 1999, Dona Dinórah Salles de Sá comemorou seus 100 anos de vida, em bonita festa promovida pela família. Na ocasião, foi lançado o livro **Dinórah Salles de Sá, nossa mãe, nossa rainha**, de Maria Filina Salles de Sá de Miranda. Dona Dinórah é mãe dos consócios Rômulo Salles de Sá, Maria José Salles de Sá e Maria Filina Salles de Sá de Miranda.

FALECIMENTO DE FRANCISCO IGLÉSIAS

No dia 21 de fevereiro de 1999, a Historiografia Brasileira perdeu um dos seus mais representativos expoentes, no século, o historiador mineiro Francisco Iglésias. Autor de uma vasta obra, com destaque para **Trajatória Política do Brasil e História e Ideologia**, Iglésias esteve no Instituto Histórico e Geográfico do Espírito Santo, em 1992, quando proferiu palestra sobre **História e Ficção**, no I Seminário que o IHGES promoveu sobre o tema.

POSSE DE BERREDO

A posse do escritor Berredo de Menezes na Academia Espírito-Santense de Letras foi marcada para o dia 7 de abril, às 19:00 horas, no auditório do Instituto Histórico e Geográfico do Espírito Santo. Na oportunidade, Berredo será saudado

pelo acadêmico e consócio Miguel Depes Tallon.

EXPOSIÇÃO DE PINTURAS

Durante o mês de março, o consócio escritor e pintor Luiz Flores Alves expôs duas dezenas de telas, nas dependências do Instituto Histórico e Geográfico do Espírito Santo.

PROJETO DE HÉLIO GUALBERTO CRIAPRAÇA DO CRONISTA CAPIXABA

O vereador e consócio Hélio Gualberto apresentou projeto, denominando **Praça do Cronista Capixaba** ao logradouro público situado na Praia do Canto, entre a Av. Rio Branco e as ruas Constante Sodré, João Manoel de Carvalho e da Grécia. Ao vereador, os

parabéns do IHGES, pela iniciativa.

EXPOSIÇÃO DE FOTOGRAFIAS

O premiado fotógrafo e consócio, Anésio Otto Fiedler, expôs uma série de fotos, algumas das quais premiadas, no espaço cultural da Agência Central dos Correios, no período de 17 a 31 de março.

INSTITUTO HISTÓRICO CANCELA PARCERIA COM A UFES

Depois de muitos anos, de parceria entre o Instituto Histórico e Geográfico do Espírito Santo e a Secretaria de Produção e Difusão Cultural da UFES, o Instituto, por sua diretoria, resolveu cancelá-la. As razões, o consócio poderá encontrá-las no ofício, cuja cópia esta edição transcreve.

AS GRANDES MENTIRAS DA VIDA

Miguel Depes Tallon

Vou ali e já volto. Planta que o João garante. Eu sou honesto. Deus é brasileiro. Só é gordo quem quer. Pode deixar que eu não esqueço. Não vai demorar nada. O sol nasceu para todos. É escocês legítimo. Iremos governar juntos. É uma barbada. Votem em mim, que eu resolvo o problema do menor abandonado. Não há nada entre mim e o Bernardo. Não vai doer nada. O técnico está prestigiado. Serão tomadas providências e os responsáveis, punidos. A justiça tarda, mas não falha. Rondônia não tem nada a ver com o narcotráfico. Queremos o diálogo. É um trabalho honesto. O peixe era deste tamanho. Nunca vi ninguém como você. A polícia nada tem a ver com a contravenção. Cão que ladra não morde. É um candidato sério. O dinheiro não traz felicidade. Pode acreditar no que eu digo. O crime não compensa. Se doer eu tiro. Está em

reunião. Já vou terminar. Eu vou a um dentista no Brasil e depois eu volto. Não quero que você se ofenda. Saiu para um café, mas não demora. O trabalho dos deputados. Nosso time perdeu porque o campo estava pesado. Serei breve. Não houve fraude nessas eleições. Não há crimes insolúveis. Com um só tiro matei três jacupembas. Ah, e era proibido? O importante não é vencer, mas competir. O povo brasileiro não sabe votar. Vou ajudá-lo. Eu não tenho nada com isso. Não mexerei na poupança. Compra, que é bom. Recebeu meu telegrama? Deixe o nome, que depois ele liga. O processo está andando. Todos são iguais perante a lei. É proibido fumar. Não se preocupe, você não tem nada, sua saúde é de ferro. Não é o que você está pensando. Os índios são preguiçosos. Ou o Brasil acaba com a saúva, ou a saúva acaba com o Brasil. O novo imposto será

aplicado exclusivamente na saúde. Não vai poder trabalhar, porque está doente. Se não servir, pode trocar. A esperança é a última que morre. Não há racismo no Brasil. Vamos ficar vinte anos no poder. Capacidade máxima para 36 passageiros. Perdemos, porque o juiz roubou. Disso eu entendo. Acho que o vazamento é ali. Xá comigo. À vista tem 10% de desconto. Pode confiar em mim. Este é um país que vai pra frente. Pode falar, que eu não conto para ninguém. Entrega rápida. É só uma amiga. Deixa que eu chuto. Só boto a cabecinha. Fica tranqüilo, que o cheque é bom. A coxinha está fresquinha, saiu agora. Tira a barreira que eu pego. Tá limpo, lavei agorinha. Só a nossa igreja é a da salvação. Pode vir, que não escorrega, não. Élogo ali. É a coisa mais bonita que já ouvi. Pode tomar, que está frio. É claro que é filé. É o melhor que pode fazer. Plimplim.

Monstros de Amanhã

Antenor de Carvalho

Quem foi que quebrou a lua?
Ela era redonda como um sol doentel
E estava muito pálida,
E estava muito triste.
Mas hoje está quebrada, mamãe!
Quem foi que quebrou a lua?
Ah! foi um tiro de canhão
Que acertou bem na cara da lua!

Festa de sangue, Festa de destroços,
Festa de destruição
Impressionando de sangue a alma
juvenil!

E haverá tanto sangue pela estrada
Que a pobre infância quando ficar
grande,
Não chorará sobre a lua aos pedaços
Nem terá medo do sangue do
crepúsculo!
Enfeitará de sangue novas
madrugadas

E ha de procurar nos novos mundos
Outras humanidades criadora
Para matar, matar!

Geração infantil que estais nascendo,
Sois monstros do amanhã!

Crescei, crescei!
Ireis buscar nos crimes mais
sangrentos
Prazeres e emoções,
Pela simpres razão irretorquível
De estamos aos poucos extinguido
As verdadeiras fontes do prazer!

DO DOURO, NATURALMENTE

Roberto Mazzini

O encontro foi muito bom: António Monteiro, Miguel Tallon e este, digamos, cronista, num fim de tarde (que digo, começamos de tarde mas ficamos até nove da noite naquele barzinho da avenida República). A moldura não poderia ser de melhor qualidade porque feita de chuva, frio e conversa boa.

Monteiro é um intelectual português, portador já de algumas boas décadas de vida nas costas. Desses portugueses históricos que respiram Dom Dinis e seus cantares de amigo, a inauguração da língua portuguesa, a batalha de Aljubarrota, as histórias da construção do mosteiro contadas por Alexandre Herculano, o infante Dom Henrique olhando o mar do promontório de Sagres e assim por diante. Ele discorre sobre esses temas com a segurança a que vem de uma sólida sabedoria avoenga.

Como estava frio foi inevitável lembrar de caldos verdes temperados com azeites finos e servidos nas adegas do Reino ao som de fados plangentes.

Então, ora pois. Ali Monteiro, inteiro, falando de sua vida de rebelde em Portugal. Um doce rebelde acredito porque não posso imaginá-lo agredindo ninguém nem mesmo com um talo de mamoeiro embora essa não fosse a opinião da Pide que o deixou preso em seus cárceres por nove vezes.

Monteiro fala de sua mocidade, de seus primeiros tempos em Vitória. Lembra amigos como o patrício Teixeira, proprietário de um negócio de "molhados e snookers" (naquele tempo ninguém tinha peito de dizer apenas "sinucas") estabelecido ali nesta mesma avenida República. Na época, Monteiro gostava de pescar e, por isso, certo dia, aceitou convite para uma pescaria; de outro amigo, um gaúcho radicado no Espírito Santo, o Brasiliense Tenório.

"E vamos lá no domingo" disse o Brasiliense.

"E vamos disse o Monteiro.

No dia aprazado, vão eles. Chegam ao barco. Brasiliense vai até à proa, saca um boné de comandante e simplesmente muda de personalidade. Não é mais o amigo Brasiliense mas o indiscutível comandante. Monteiro, claro, pelas inflexíveis regras do mar, é seu subordinado e lhe deve a mais estrita obediência. Piratas dependurados em pontas de cordas pendentes de portalós, depois de motins fracassados, fazem parte de um inconsciente coletivo que inconscientemente levam Monteiro a uma atitude de submissão incondicional.

"Claro, comandante. Às suas ordens."

Imperturbável, Brasiliense continua as operações de desatracação do barco e determina:

"Puxe a poita!!!"

Monteiro a puxa e o barco navega pela baía de Vitória em busca do farto pescado prometido pela sapiência marinheira do comandante Brasiliense. Remam que remam. Os peixes ignoram as imperativas determinações do comandante e fogem indisciplinadamente. Regressam sem peixe mas o Brasiliense não se abala e, bigodes ao vento, orienta as operações de atracação com uma última ordem:

"Solta a poita!!!"

Monteiro, o marinheiro, a solta.

Amarrado o barco ao cais, o Brasiliense, livre do boné de comandante, volta a ser o amigo de sempre.

Mas ali na mesa do bar, Brasiliense é apenas uma sombra nostálgica e Monteiro faz questão de repetir que afora esses inocentes rasgos de redescobridor do cabo da Boa Esperança, ele foi um amigo sempre disposto a ajudar seus amigos.

Monteiro se diverte contando essas coisas e nós também.

"Monteiro, você é português de que parte?"

"Do Douro, naturalmente".

Aquele naturalmente acendia

cautelas.

Minha escassa experiência portuguesa entra com o Chiado lisboeta, a Casa Havaneza e a Livraria Bertrand, aquela que fica logo à esquerda. Lanço essas coordenadas portuguesas como balão de ensaio. Miguel fala da Vila Nova de Gaia e das pipas de vinho transportadas por compridas canoas que Monteiro classifica como "barcos rabelos". Com essa estocada do Miguel ele rememora e abre guarda. "Vila Nova de Gaia... Bem defronte do Porto".

De lambujem percebo que, ao menos em parte, minhas coordenadas portuguesas foram absorvidas por Monteiro embora à livraria Bertrand ele contraponha Lello & Irmão "uma livraria bem mais simpática, com um acervo superior devidamente arrumado em móveis de mogno muito envernizados" acentua Monteiro.

"Rua das Carmelitas" acrescento.

"Claro. Mas conheces o Porto?"

"Não. Mas sei que livraria Lello fica nesse endereço porque é a editora do Eça."

Mais uma vez o velho Eça me deu uma mãozinha porque percebo que Monteiro adoçou um pouco o seu radicalismo português.

Monteiro prossegue em sua prosa e já agora nos fala da Pedra Azul. É lá que ele tem um sítio onde passa os meses de brasa, esses que nos torram aqui em Vitória. Aliás, Monteiro é autor do prefácio da "História da Pedra Azul", livro escrito por seu falecido amigo Julio de Oliveira Pinho e editado pelo Instituto Histórico.

"Agora não sou mais nem português nem brasileiro diz Monteiro num arroubo característico agora sou pedrazulense".

Compreendo Monteiro. Na dialética que ele mesmo revela em seu livro de poemas "De cá e de lá" e que ao final é o caso de todo emigrado que se divide entre a pátria de origem e a terra que o acolheu, ele encontrou a síntese em Pedra Azul. Sabiamente..

A POESIA É NECESSÁRIA

DOIS POEMAS DE ANTÓNIO DA SILVA MONTEIRO

TUDO E NADA

Que bom seria
Se num momento
Pudesse ser
Um micron
Perdido no firmamento

AUTO SESSÃO

Dei uma arrumada
No sótão dos meus
Fantasmas,
Ficou tudo certinho.
Até quando?

TRÊS HAICAIS DE HERALDO BRASIL

Um vaga-lume acendeu a noite
a lua enciumada
pintou-a de prata

Janelas entreabertas
quartos à meia-luz
ouvindo minha serenata?

O trem partiu
o amor foi-se
o adeus perdeu-se na saudade

DECADÊNCIA

Xerxes Gusmão Neto

as nossas ruas
vão ficando estreitas
e o nosso relógio
anda rápido demais

apagaram a lâmpada
de nosso beco
e desligaram o som
de nosso recanto

estaremos conformados
com a distância
ou ainda temos fôlego
para alcançar a margem?

crece mato em nossas tulhas
e lodo em nosso riacho

Não quero viver o tempo
de flores murchas
e páginas amareladas.

DO LADO ESQUERDO DO CORAÇÃO

Papiniano Carlos

Não havia
descanso havia urgentes
inadiáveis tarefas sacrifícios
sobre-humanos trabalhos

Mas
havia Virgínia
do lado esquerdo do teu coração
e a garupa de nossos corcéis
de fogo e liberdade Abril
que irrompia alado
por todas as fendas

Havia milhões
de toneladas de ódio para esmagar
um homem
e reduzi-lo a verme
E fitando-nos um por um
o glacial olhar da morte
na infinita solidão

E
havia o archote
que empunhava noite fora A proa
da alvorada Este
oceânico clamor

Nós Dois

Taneco

Quem dera que a gente
Se gostasse
Se amasse
Se Juntasse

Você me conhece
Eu conheço você

O tempo vai passando...

A gente se gostando
Se amando
Não se juntando...

Mas estamos nos vendo
Nos gostando
Deixemos a vida findar...

Para que a gente se juntar!...

O Alfaiate

Mesquita Neto

Especialmente para Taneco

Depois de qual ser bruto haver
vivido

Desabrigado, em condição
precária,
E igual nudez à em que fora
nascido,
Eis que o homem teve a idéia
extraordinária

De seu corpo cobrir, andar
vestido,
Buscando proteger-se desta
vária
Natureza, e o problema
resolvido

Deu-lhe o obrigado preciso: A
indumentária.

Da pele de animal até o tecido,
milhões de anos, sabemos,
decorreram,
Para que o homem, afinal, Fosse
vestido.

E a quem devemos hoje esse
remate
Da passada nudez que outros
sofreram?
A esse filho da puta que é o alfaiate.

NO 3º ANIVERSÁRIO DA MORTE DO ARQUITETO LOBÃO VITAL

FESTA DE CONGO

Tertuliano F. dos Santos

Celezina se pintou
Passou muito pó de arroz
Botou fita no cabelo
Botou saia de babado
E saiu sapateando
Ao som da banda de congo
Saudando São Sebastião
Saudando o dono da casa
E o povo de Fundão

Ocalino capitão
Da banda do Capão
Vestido com roupa cáqui
Usando boné de bico
Com seu apito afinado
Comandava o repicar
Dos tambores de barrica
E o ronco forte da cuíca
Que sua mãe Mariquinha
Chamava de bacurinha

Além dos tambores e da cuíca
Tinha o chocalho e o triângulo
E também o reco-reco
Instrumentos artesanais
Nos quais seus operadores
Sob a batuta do Capitão
Tiravam sons geniais
Para saudar o santo Bino
Onde velhos e meninos
Entoavam o refrão

São Benedito Chegou!
Chegou! Chegou! Chegou!

E o cortejo formava
Uma imensa procissão
Na frente mulheres e crianças
Sambando ao som do batuque
Carregavam a bandeira
Que na verdade
Era um quadro
De São Benedito pintado
Na ponta do Mastro fincado

E Celezina rodava
Sua saia de babado
Balançava suas ancas
Num perfeito rebolado
Sacudia uma ramagem
De um arbusto arrancada,

Olhava para o céu
E soltava um belo grito
Dizendo pro povaréu
Viva São Benedito!

Ao que a massa retrucava
São Benedito
É bom lavador
Bota a roupa
No quarador

No meio da procissão
Os tambores repicavam
E cada um dos conguistas
Parecia se esforçar
Para tirar do tambor
Um som forte, ensurdecador
E assim nessa disputa
O barulho era crescente
Produzido pelas mãos
Em cima do couro quente

E a cada momento,
Em que a banda parava,
De louvor o Capitão
Gritos endereçava
Para o dono da casa
Para aquela gente ordeira
Para o santo padroeiro
Para São Benedito
Para São Sebastião
E para o povo de Fundão
E novamente o povo cantava

São Benedito chegou
Chegou chegou chegou

Ou ainda:
Quem me leva
Pro Céu
É Bino só
É Bino só
É Bino só

Também era comum ouvir-se:
Oh! Deixa o povo
Teimar
Feijão na pedra
Não dá.
O final da procissão
Era um carro de boi

Enfeitado de navio
Arrastado por um grupo
De homens fortes sadios
Que devido a tanto esforço
Se banhavam de suor
E para aliviar tamanha lida
Se encharcavam pra valer
Na mardita da bebida

Ao chegarem finalmente
À praça da matriz
Cantavam dançavam e bebiam
E em meio a tanta fuzarca
Do navio o mastro tiravam Sobre os ombros o
carregavam
E com ele dançavam
Falando muita besteira
Cantando dessa maneira:
Que pau é esse?
É aroreira
Quem foi que deu?
Foi seu Pereira

Oh! papa fina
Mingau sem caroco
O pau de Pereira
É danado de grosso

E em meio
A esse delírio
Na ponta do mastro
A bandeira era içada
Os sinos repicavam
Os foguetes estouravam
O congo silenciava
A multidão se acalmava
E a seu modo rezava
A festa chegava ao fim

Assim Celezina
Pro seu barraco voltava
Tirava sua blusa de chita
Sua saia de babados
Acendia a lãmparina
Ia à bica se banhar
E enquanto se banhava
Acalentava o sonho
De viver mais um ano
Para outra congada dançar



Resenha Bibliográfica



Renato Pacheco

Tallon, Miguel Depes. **Depois de Abril** - romance. (capa de João Bonino Moreira). Vitória. Coleção Almeida Cousin. IHGES, 1998.

Dentre as inúmeras obras publicadas pelo Instituto Histórico e Geográfico do Espírito Santo destacam-se os elegantes volumezinhos da Coleção Almeida Cousin, criada em 1997 para render homenagem ao centenário de nascimento de seu benfeitor.

E, dos lançados em dezembro último (a dezembrada II) queremos destacar, com o clássico "sem desfazer dos demais", o romance **Depois de Abril**, do nosso Presidente Miguel Depes Tallon.

Como o nome indica, o livro registra fatos que iriam culminar com a explosão de abril de 1964, tema que, entre nós, só havia sido versado pelo jornalista Paulo Torres, com outro enfoque.

O olhar do autor se detém, nos anos de 1962/1964, sobre uma cidade imaginária, Vera Cruz, uma mistura simpática de Cachoeiro de Itapemirim e de Itapemirim. Saudoso do mar, Tallon deu praias a Cachoeiro.

No prólogo, o autor explica que o livro é uma escritura intertextual, baseada num povo da pesada da literatura nacional e mundial. Desistiu de registrar, em notas, os nomes dos diversos autores usados, para não "privar o leitor do prazer da descoberta" mas causou um bruto

"embroglio" para o crítico do futuro. Lembra, também, que quase todas as personagens são reais, e que alguns episódios efetivamente aconteceram.

Em 94 curtos e saborosos "flashes" o leitor acompanha, fascinado, a trajetória de Luís Alberto Paraíso, desde sua chegada a Vera Cruz, para lecionar no Liceu, até seu casamento com a filha do Prefeito, a que se opunha. É como se você estivesse vendo um bom filme de olhos arregalados.

Nesta pequena cidade do interior não há heróis e todos são seus próprios heróis, envolvidos em fofocas, piadas, maldade, bares, vida noturnas, politiquinha de aldeia, vi-me, de novo, em minha Ponta d'Areia, que criei há

quase quarenta anos.

O registro é inteligente, ferino, com muito humor, inclusive com curiosas e proféticas alusões a futuros governantes, como a referida ao Prefeito e suas viagens (p. 33).

No meio das vidinhas veracruzenses, o país pulsa vivo, naqueles tempos tão confusos, que lembram os dias deste penúltimo ano do século XX. Um episódio resalta entre todos: a transferência da morte de Newton Braga do Rio para Cachoeiro, Newton, de fato, jamais quis morrer no Rio, e Tallon consertou as coisas.

Um grande romance, ambientado no sul do Estado, onde são poucos os textos de ficção, no gênero, sobretudo com a prosa enxuta de **Depois de Abril**.

Ribeiro, Francisco Aurelio. **Antologia de escritoras capixabas**. Vitória, UFES, 1998.

Tendo os professores José Augusto Carvalho, Luiz Busatto e Oscar Gama abandonado os estudos de história literária capixaba, em que são mestres, não estando mais entre nós Afonso Cláudio, Eurípedes Queiroz do Valle, Augusto Lins e Elmo Elton, o vazio está sendo preenchido, competentemente pelo jovem professor Dr. Francisco Aurélio Ribeiro, nosso consócio e atual Presidente da Academia Espírito Santense de Letras.

A ele, como executivo da Universidade Federal do Espírito Santo, e como autor consagrado, devemos valiosas iniciativas na área cultural.

Agora o Professor Ribeiro publica excelente antologia, desta vez enfocando as escritoras capixabas, tão pouco conhecidas. Conseguiu levantar desde as precursoras até nossos dias, precedida o florilégio de correto ensaio sobre o tema.

São mais de 100 autoras, de variado valor e ampla gama de assuntos, o que é uma representação fiel da quase totalidade das escritoras nossas, com obras publicadas.

Faltaram algumas autoras? Por certo sim, é impossível evitar omissões em trabalhos dessa natureza. O leitor poderia reclamar a ausência de escritoras que estão no dia a dia dos jornais, sem terem publicado livros, mas que se enfileirariam entre as melhores escritoras de nossa terra. Mas isto não invalida a importância incontestável da obra resenhada.

Livro digno, bem elaborado. Espero que com sua venda possa concretizar-se o ideal do A. de editar mais uma obra da saudosa Professora Maria Stella de Novaes.

Calixte, Marien. **Florentino Avidos. Um homem à frente de seu tempo**, Vitória. Cidade Alta, 1998.

Nosso consócio Marien Calixte, mais jornalista que historiador, mais multimídia que jornalista, com base, principalmente, no Relatório do quadriênio Avidos, lançou um livro em homenagem ao grande administrador, em nossa Repú

blica Velha. Mas não ficou só no citado Relatório: entrevistou familiares, pesquisou origens e forneceu ao leitor contemporâneo, não afeito aos Arquivos Públicos, um panorama do que foi o quadriênio 1924-1928, assim como da vida do Presidente Avidos. O material fotográfico reproduzido por Thadeu Bianconi é excelente.

O livro que o A. sonhou em 1968, ao fazer uma reportagem rotineira sobre a Ponte Florentino Avidos é um painel valioso sobre a vida em nossa Vitória, na década de 20, tempo áureo, antes da crise de 1929.

Obra que merece ser adquirida pelos leigos que desejam estar bem informados sobre nosso passado.

INOCOOP/ES - **A casa edificada**. Vitória, 1998

Para comemorar seus trinta anos de fundação, o Instituto de Orientação às Cooperativas do Espírito Santo (INOCOOP-ES) editou um magnífico livro ilustrado de título exemplar: **A casa edificada**.

Além dos depoimentos de antigos diretores, como Jones dos Santos Neves Filho, José Carlos Correia, Arízio Varejão Passos Costa, o livro apresenta fato material fotográfico e dois textos magistrais: "Crescimento urbano e expansão do mercado imobiliário na Grande Vitória" de Carlos Teixeira de Campos Júnior e "O programa de cooperativas habitacionais no Espírito Santo" de Luiz Guilherme Santos Neves, ambos nossos distintos e prezados consócios.

É mais do que conhecido o relevante papel que o INOCOOP-ES tem exercido, na solução de nosso crônico déficit habitacional, como lembra o jornalista José Carlos Correia: "graças ao trabalho do INOCOOP mais de trinta mil famílias conseguiram transformar em realidade o sonho da casa própria. Na quase totalidade dos casos, famílias que estariam até hoje morando de aluguel ou em habitações precárias com pouca ou nenhuma infra-estrutura".

Este belo livro é um documento precioso, não só para entendimento das atividades do INOCOOP, como também para que se compreenda como a pequenina Vitória, tão provinciana, da década de 50, veio a tornar-se na metrópole, que em sua qualidade de vida, ostenta invejável posição entre as demais Capitais brasileiras.

Gurgel, Antônio de Pádua. **O menino da ilha. História de um líder popular**. Vitória, Contexto, 1998.

Este livro não é a apologia do pai, e sim o retrato fiel da vida de um grande brasileiro.

Antônio de Pádua Gurgel, que já era conhecido pelos livros anteriores **Socialistas no Brasil**, **O Brasil vai às urnas** e **O Diário da rua sete** publica,

agora, com prefácio de Márcio Moreira Alves, a biografia de seu pai, MÁRIO GURGEL, advogado, político, poeta e sobretudo líder popular.

Conheci Mário Gurgel em 1946, quando ele, rapaz pobre, morador na então paupérrima Ilha do Príncipe, nos procurou para fazer o supletivo que, juntamente com Expedito Boga e José Garajau da Silva, mantínhamos, na sede da Academia Espírito Santense de Letras, no velho Banestes. Verificamos logo que muito do que ensinávamos ele já conhecia de estudos anteriores e de muitas leituras esparsas. Passou brilhantemente nos exames e nos três anos seguintes (1947-1949) foi meu aluno no Colégio Estadual e companheiro na Academia Capixaba dos Novos. Sempre vi nele um autêntico líder popular, com suas raízes plantadas no povo-povo.

Formando-se em direito, sua vida foi uma sucessão de êxitos: deputado estadual e federal, prefeito da Capital, chefe de família exemplar, casado que foi com a excelente funcionária Hely Mendes, então servindo no Departamento de Serviço Público do Estado e neta da famosa parteira D. Augusta.

Sobre a criação da Casa do Menino, contou-me ele que foi interpelado pela 1ª Dama do Estado, D. Maria Queiroz Lindenberg:

Senhor Deputado, o Sr. vive a criticar minha atividade na assistência social, mas o que o Sr. fez a favor de nossa infância?

Gurgel foi para casa, refletiu, e no dia seguinte, em São Torquato, criou a instituição que tanto fez pelos jovens carentes.

O livro **Menino da Ilha** registra, realmente, para os pósteros a trajetória de um grande capixaba (nascido no extremo norte do

país, mas aqui radicado), aquele que, entre nós, mais se aproximou do ideal Gandiano.

Saletto, Nara. **Donatários, colonos, índios e jesuítas (o início da colonização do Espírito Santo)**. Coleção Canaã, vol. 4, APE/SECE- Estado do Espírito Santo, 1998.

A coleção Canaã, do Arquivo Público Estadual, que já publicou o importante relatório de Carlos Nagar sobre os italianos, no Espírito Santo; o projeto de um Novo Arrabalde de Saturnino de Brito; e os documentos manuscritos avulsos sobre a Capitania, organizados por João Eurípedes Franklin Leal, vem de editar o utilíssimo trabalho de Nara Saletto sobre donatários, colonos, índios e jesuítas, indispensável na estante de nossos professores de história do Espírito Santo, de 1º grau, que tanto reclamam da falta de textos sobre o período colonial.

A crítica que se pode fazer ao livro é a falta de uma visão abrangente sobre o mundo do século XVI e a incorporação de terras capixabas ao mundo europeu.

O livro consta de introdução, biografias e um final e erudito estudo. As biografias são de Vasco Fernandes

Coutinho, Maracajaguaçu, Pedro Palácios, Anchieta, Marcos de Azeredo (grafado erradamente no sumário), Maria Ortiz e Francisco Gil de Araujo. De Vasco Fernandes Coutinho há boas biografias, como a de Elaine Sanceau, Luiz Derenzi e Luiz Guilherme Santos Neves. Usei-as quando romanceei a vida de nosso inditoso donatário, no **Vilã o farto** e no livro para nossas crianças **Eu vi nascer o Brasil**. As importantes figuras de Anchieta e Pedro Palácios também têm sido largamente estudadas. Os demais, menos conhecidos, são criteriosamente estudados.

O ensaio final mostra o quão difícil é esclarecer-se a situação das nações indígenas existentes em nosso literal, quando da chegada dos primeiros colonos, o que, por certo, será objeto de novas pesquisas da autora, inclusive consultando o **Handbook of south american indians** editado pela Smithsonian Institution, de Washington, D.C.

O livro da professora Nara Saletto se recomenda, endossado por prefácio da professora Gilda Rocha, e também pela bibliografia que a ele se agregou.

Loss, Everaldo Helvídio. **Rosina. Uma história de imigrantes**. Rio, 1998.

A bibliografia sobre imigrantes italianos, no Espírito Santo, iniciada timidamente por Luiz Derenzi e Dom Cavati, cada vez ganha novos títulos, acrescentando novos dados à maravilhosa saga da colonização de nossas montanhas centrais.

Rosina. Uma história de imigrantes foi pensado como obra para ser distribuída apenas entre os membros da família Loss, mas tantos são os dados interessantes ali coligidos que merece divulgação mais ampla.

Sobre o livro, em carta de 2 de dezembro do ano findo, nos diz Everaldo Loss, autor de sua redação final:

"Como se depreende do título, a obra está centrada na figura de ROSINA, na essência uma camponesa nascida de imigrantes italianos provenientes da região hoje integrada à Província Autónoma de Trento, que, como tantos outros, ousaram deixar sua pátria de origem e internar-se no município de Santa Teresinha, na segunda metade do século XIX, em busca de novos e mais promissores horizontes para si e seus descendentes."

O livro está dividido em duas partes. Na primeira, examina-se a vida dos imigrantes desde 1876 (quando aqui chegaram) até a crise da cafeicultura, em 1929. Na segunda há uma belíssima coletânea de relatos de parentes, quase sempre com ROSINA como figura central.

Creio que estes relatos, se devidamente estudados, podem acrescentar novos dados aos estudos italo-capixabas.

Sodré, Paulo Roberto. **Um trovador na berlinda: As cantigas**

de Amigo de Nuno Fernandes Torneol. Cotia(SP), IBIS, 1998.

A Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo tomou a sábia deliberação de publicar, através da Editora IBIS, de Cotia, dissertações de mestrado e teses de doutorado, ficando assim o grande público a par da grande floração de estudos acadêmicos de alto nível que está sendo produzida em nossos cursos de pós-graduação.

Paulo Roberto Sodré, poeta e prosador já consagrado, ainda muito jovem,

leciona literatura brasileira na Universidade Federal do Espírito Santo. Seu ensaio, além da introdução, consta de três capítulos. No primeiro, dá uma face a Nuno Fernandes Torneol, cuja vida é ainda hoje pouco conhecida, talvez um galego que viveu no século XIII. A seguir, estuda, detidamente, suas cantigas para concluir falando sobre gêneros e espécies das cantigas de amigo, as quais, como lembra a prefaciadora, professora Yara Frateschi Vieira, são "poesia de mulher composta por homem".

É extraordinária a acurácia do A. ao estudar textos medievais, num país onde escasseiam as fontes pertinentes, dificuldade que foi bravamente superada, como se vêna bibliografia (p. 288/296) num trabalho e tanto de pesquisa, paciente e meritório.

Pastore Pe. Alfonso. **Construir a fraternidade: o grande desafio (onde está a fraqueza da Igreja?)** Vitória. Cidade Alta, 1998.

O Padre Alfonso Pastore é um exemplar ministro da Igreja Católica Apostólica Romana, herdeira da estrutura imperial da Roma clássica. Nascido na zona rural gaúcha, teve exemplos dignificantes, em casa, de seus pais e irmãos. Estudou em grande centro e assimilou, sem perder sua pureza d'alma, as técnicas modernas de comunicação social. Muita oração e ascese, e de sua adesão plena ao movimento pentecostal católico (a Renovação Carismática) fê-lo ingressar no mundo magnético pleno, que os indús antigos chamavam de "sidhis" e o vulgo considera milagres.

Por isto tem sido ameaçado de morte. Por isto andou por seca e meca, sempre fiel a seu mote: "A hierarquia da Igreja deve confiar no leigo, concedendo-lhe o direito usurpado, de evangelizar, testemunhar, mudar esse mundo, pois senão a Igreja Católica continuará um simulacro."

Quando, no século XVI Lutero desafiou a Igreja, deixou-a. Santo Inácio, na mesma época, também a desafiou, mas ficou e reformou-a. Creio que os da Renovação Carismática pretendem o mesmo que o jesuíta.

A Editora Cidade Alta, a cuja frente se encontra nosso consócio Marien Calixte, lançou, no final do ano passado (e quantos e quantos lançamentos houve em 1998, em nossa terra, justificando o

espanto do Professor Fernando de Moraes Achiamé, ao averiguar que os lançamentos antigamente eram esporádicos e agora são quase diários!) uma espécie de autobiografia do Padre Alfonso.

Para a história social do nosso Estado seus relatos são muito importantes, pois, como missionário, esteve nas Paróquias da Praia do Suá, Mata da Praia e

Porto de Santana. Trabalhou na introdução das Irmãs de Madre Teresa de Calcutá, entre nós, e lutou muito na Pastoral Carcerária.

Construindo a fraternidade: o grande desafio é um livro que põe o dedo na ferida da Igreja Católica Apostólica Romana, e oferece subsídios para o futuro historiador de nossa Capital.

Um campeão da história regional.

Desde a década de 20, quando Antonio Marins publicou seu interessante **Minha terra e meu município**, sobre Cachoeiro de Itapemirim, passando por Grinaldson Medina, Domingos Ubaldo, Carlos Aurich, Marfisa Gianordoli Giestas, Frederico Muller, até chegarmos a Clério José Borges, inúmeros capixabas têm escrito sobre nossos municípios. Já contamos, assim, com uma rica bibliografia regionalista, que a cada ano mais se avoluma.

Agora, em São Mateus, Eliezer Nardoto e Heninia Lima publicam, em belíssima apresentação gráfica, o extraordinário volume da **HISTÓRIA DE SÃO MATEUS**, sem favor um campeão de nossa história regional.

O livro foi editado pela Editora Atlântica Ltda., neste ano de 1999, em tamanho grande, com 463 páginas, um trabalho hercúleo.

A obra é dividida em quatro partes, dedicadas especialmente à pré-história no norte do Espírito Santo; aspectos geográficos e aspectos culturais. Seguem-se anexos e referências bibliográficas.

Para uma segunda edição seria interessante que algumas pesquisas fossem acrescentadas, como sobre as serrarias que houve na cidade depois do final da segunda guerra, o que de certa forma vai de encontro à afirmação da decadência econômica nas décadas de 50 a 70. Não podemos nos esquecer que grande parte dos tacos aplicados na construção de Brasília, com toda a corrupção aí envolvida, saiu das serrarias mateenses, sendo transportadas para o longínquo Planalto Central em velhos e potentes caminhões FNM. Gostaria também que o livro (dado seu volume) tivesse um índice que facilitasse os pesquisadores futuros.

Nenhuma obra humana é perfeita. Nenhuma sociedade é perfeita. A crítica que se faz objetiva que se melhora o produto, que merece, de nossa parte, a mais entusiástica acolhida.

LÉA BRÍGIDA E AS FERROVIAS

José Sebastião Witter

Já tenho usado este espaço para falar dos bons autores do Espírito Santo. Freqüente o Estado e a linda Vitória há 25 anos. Lá, já disse, tenho a minha confraria e muitas casas onde ficar, como parte das famílias que me podem acolher. Melhor que tudo tenho amigos e amigas, que merecem essa qualificação.

Dentre esses amigos há uma professora e pesquisadora de grande valor. É, também, embora assim não se reconheça uma excelente escritora. Pois é dessa escritora, Léa Brígida de Alvarenga Rosa e de seu livro "Implantação de Vias Férreas no Brasil", de que me ocupo, neste dia.

O tema deste livro, que faz parte da Coleção Almeida Cousin, do Instituto Histórico e Geográfico do Espírito Santo, é objeto dos estudos da professora desde os tempos em que fazia pós-graduação no Departamento de História da Faculdade de Filosofia da USP e quando a orientava um professor de méritos incontestes - Reynaldo Xavier Carneiro Pessoa e onde se doutorou. Desses tempos publicou, em 1985, "Uma ferrovia em questão: a Vitória/Minas - 1890/1940", editado pela Fundação Ceciliano Abel de Almeida - UFES.

Agora sai esta monografia, em época oportuna. Ela nos obriga a refletir

sobre o papel das ferrovias no Brasil e as conseqüências futuras das constantes e subseqüentes privatizações dos tempos atuais.

Ivan Borgo, outro escritor que admiro em Vitória, escreveu no prefácio: "Os amigos do poder - registra Léa - conseguiram concessões que, em seguida, eram leiloadas e arrematadas por quem efetivamente iria executar o serviço. No fundo, como o negócio tinha a garantia do governo, o prejuízo recaía na população em geral que arcava com os custos, tanto daquilo que havia sido efetivamente gasto na construção da ferrovia, como com o custo adicional representado pela manobra promovida pelo poder". É de longa data, a prática, não é mesmo? Mas a prof^a Léa Brígida fornece ainda uma série enorme de dados que mostram as práticas que resultaram em abusos, quando da implantação das Vias Férreas em todo o Brasil. Traz, então, à pag. 22, uma tabela que nos dá conta dos preços das ferrovias construídas desde Natal (no Rio Grande do Norte) até Bagé (no Rio Grande do Sul). Termina o seu livro com uma observação o que nos faz pensar sobre a falta de projetos consistentes que colocassem ao alcance da população, ferrovias prestadoras de serviços e adequadas às

necessidades do Brasil.

Chama a atenção para o fato de o governo brasileiro ter limitado os recursos e por isso ter diminuído a qualidade técnica. Tem toda razão quando afirma que por isso "vão surgir estradas de ferro em condições ruins para o tráfego, com curvas de raios de cem metros e rampas de 3%, que tornavam as viagens demoradas e com composições pequenas, pois o esforço de tração que as máquinas tinham que desenvolver impedia uma melhor utilização do potencial de cargas, onerando o frete, chegando-se ao ponto de tropas de mulas fazerem concorrência com as ferrovias. Essa situação de predeterminar um custo quilométrico unitário agrava-se com o fato de que a maior parte das debêntures emitidas serem do tipo 65% a 85%, ou seja: a companhia recebia somente estes percentuais do valor nominal, aviltando ainda mais o seu preço. Um título com a média de 70% de emissão fazia este valor cair a vinte e um contos ouro, o que levava nossas estradas aos piores níveis de qualidade técnica, sem, no entanto, impedi-las de cumprirem o seu papel desbravador e colonizador.

É preciso dizer mais?

Transcrito de "O DIÁRIO" - Mogi das Cruzes, quarta-feira, 24 de Fevereiro de 1999 - CADERNO 4

Vitória, 24 de março de 1999

Of. nº 11/99 - IHGES

Do : Presidente do Instituto Histórico e Geográfico do E.Santo
Ao : Secretário de Produção e Difusão Cultural da UFES

Senhor Secretário,

De longa data, este Instituto e a UFES, por sua Secretaria, vinham mantendo uma vantajosa parceria, para ambos, mas, sobretudo, para a comunidade leitora do Espírito Santo.

Num momento em que o Governo Federal podava de todos os jeitos os recursos para as Universidades, o Instituto respondia financeiramente por parte da edição de algumas obras, com valores que, não raro, cobriam toda a impressão. As únicas exigências do Instituto eram o seu selo na contracapa e 100 ou 150 exemplares, conforme o valor da obra. De início, a parceria funcionou satisfatoriamente, mas a partir de 1997 começaram a surgir os problemas. No livro **O Vale do Itabapoana e a História de São Pedro do Itabapoana e São José do Calçado** o selo do Instituto foi esquecido e a solução encontrada foi a fixação de um adesivo na parte interna. Depois, começaram os outros problemas. Contrariando a rotina já longamente estabelecida de se mandarem os livros com a nota fiscal, passou-se a se mandar inicialmente a nota fiscal, como numa exigência de pagamento antecipado, sem os respectivos livros. Em confiança, o Instituto pagava a nota fiscal e aí se instaurava a agonia, porquanto os livros eram exaustivamente pedidos e chegavam quase à altura do lançamento. Em seguida, deixaram de vir todos, como aconteceu com os **Anais do I Centenário da Proibição da Imigração Italiana no Espírito Santo**, que devendo vir 100(cem) exemplares, só vieram 50(cinqüenta) com a promessa de que os outros cinqüenta viriam depois e nunca mais vieram.

Agora, o incidente com o livro **A Monarquia no Brasil - o pensamento político da independência**, de Estilache Ferreira dos Santos. Combinou-se uma ajuda de R\$ 1.500,00 (hum mil e quinhentos reais) por 150 livros. Como sempre, antes do livro, foi remetida uma nota fiscal de R\$ 2.500,00 (dois mil e quinhentos reais), R\$ 1.000,00 a mais que o combinado, que seriam destinados à colaboração da impressão de outra obra, e sem os livros. Mais uma vez, em confiança, o Instituto pagou os R\$ 2.500,00, que praticamente devem ter coberto toda a edição, e nada dos livros. Posteriormente, foram enviados apenas 70 (setenta), tendo os 80 restantes ficado para depois, até que, inusitadamente, o Sr. Secretário informou ao Instituto de que eram setenta os livros e que os oitenta não viriam, gerando profundo constrangimento no lançamento do dia 17 do corrente. Mesmo assim foram remetidos mais 40 livros, perfazendo um total de 110, faltando, pois, quarenta, que não vieram.

Assim, este Instituto, compreendendo que a SPDC da UFES já abriu um vantajoso leque de parcerias e de que não mais necessita da colaboração deste Instituto, para continuar desenvolvendo o brilhante trabalho editorial que vem executando, comunica-lhe que, em decisão de sua diretoria, aos 24 do corrente, revolveu, à unanimidade, cancelar a parceria com a UFES.

Desejando a V.S.^a boa sorte com as novas parcerias conseguidas, aceite as nossas
Cordiais Saudações,

MIGUEL DE PES TALLON
Presidente